



Caracterização da Amazônia em "Boi-bumbá: evolução - livro-reportagem sobre o festival folclórico de Parintins": uma abordagem dialógica¹

Suzan Monteverde MARTINS²
Antônio Heriberto CATALÃO JR³
Universidade Federal do Amazonas, Parintins.

Resumo

Este trabalho objetiva contribuir para a compreensão de como a região amazônica é caracterizada no livro-reportagem, "Boi-bumbá: evolução", escrito pelo jornalista Allan Rodrigues, em que o repórter narra sua viagem à Ilha Tupinambarana para acompanhar o Festival e, ao fazê-lo, discorre sobre o folguedo parintinense em seus diversos aspectos. Para tanto, toma-se como referencial teórico-metodológico a teoria bakhtiniana da linguagem proposta por Mikhail Bakhtin, na qual o dialogismo é entendido como a relação de sentidos entre os enunciados que se articulam e resultam em um entendimento sobre um dado objeto. Trata-se, pois, de uma enunciação que se elabora em diálogo com várias outras - marcada, portanto, pela interação permanente (ainda que nem sempre demarcada, necessariamente, no corpo do texto) da voz e o do olhar do repórter com outras vozes, outros olhares que lhe dão subsídios para o delineamento de uma caracterização particular da Amazônia.

Palavras-chave Boi Bumbá; Amazônia; Reportagem; Livro-reportagem; Dialogismo.

Introdução

Inúmeros estudos abarcam a temática Amazônia tratada como uma realidade concreta. Essa realidade amazônica em si é nominalmente detentora de vários enunciados que resulta em uma criação semiótica capaz de viabilizar discursos e atrelar diálogos de diferentes sentidos. A esses enunciados, articulam-se os estudos de Manuel Dutra (2006), Alfredo Wagner de Almeida (2008), Neide Gondim (1994) e Euclides da Cunha cuja dedicação propicia estudos relevantes sobre a Amazônia e sua caracterização.

1

¹Trabalho apresentado no IJ8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 01 a 03 de maio de 2013.

² Professora substituta do Curso de Comunicação Social- Jornalismo Ufam- ICSEZ de Parintins, graduada em Jornalismo. Email: suzanmonteverde@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Ufam- ICSEZ. Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. FCLA/UNESP, email: catalaojr@yahoo.com.br.



Contudo, os enunciados provocados por diferentes estudos, fragmentam posições, as quais pretendem assumir discursos de definição, preservação, enfatizando os recursos naturais e promovendo muitas vezes, a invisibilidade humana da região.

Dessa forma, a pesquisa sobre o livro *Boi-bumbá: evolução - livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins*², do jornalista amazonense Allan Rodrigues (2006), pretende somar aos estudos sobre a Amazônia, partindo de um esforço individual por meio da pesquisa de iniciação científica e interligando-se com outros trabalhos sobre o livro-reportagem no Brasil contemporâneo.

A fim de disponibilizar um olhar sobre os discursos produzidos sobre a Amazônia em um livro específico, em que o repórter narra sua viagem à Ilha Tupinambarana para acompanhar o Festival e, ao fazê-lo, discorre sobre o folguedo parintinense em seus diversos aspectos e elabora um enunciado que apresenta uma caracterização particular do interior amazônico - ou de parte dele, ao menos - a partir de seu contato com uma manifestação da cultura popular regional. A pesquisa perpassa então por um cotidiano da cidade do interior do Estado do Amazonas, chamada Parintins³.

Esclareça-se, nesse sentido, que o interesse particular da pesquisa é dirigida especificamente a tal caracterização - definindo-se nos seguintes termos o problema fundamental que o orienta: como a região amazônica é caracterizada pelo jornalista Allan Rodrigues no livro-reportagem "*Boi-bumbá: evolução - livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins*"?

Neste sentido, a pesquisa não é uma iniciativa isolada: articula-se a outras propostas de pesquisa, cujos problemas e objetivos são análogos aos dele - dirigidos, no entanto, a outros *corpora* (ou seja: a outros livros-reportagem que também apresentam discursos particulares sobre a Amazônia); além disso, tais projetos se relacionam a uma pesquisa mais ampla que vem sendo realizada, cujo objeto é a presença do gênero livro-reportagem na cultura brasileira contemporânea (CATALÃO JR, 2010).

Assim, a perspectiva dialógica será adotada como metodologia de análise do discurso, visando a identificar, compreender e caracterizar as posições assumidas pelo autor em relação à região amazônica, considerando-se que tais posições não são adâmicas, derivadas de um contato "primeiro" e, direto com tal objeto, mas sim construídas em relação a outros

² Livro publicado em 2006 pela Editora Valer.

³ Cidade do interior do Amazonas situada a 369 km da Capital Manaus.



discursos, outros pontos de vista, outras caracterizações que são vozes sociais distintas produz acerca de uma Amazônia sempre revisitada, retomada e reinventada.

Falar sobre tais posições equivale, portanto, identificar a voz desse autor no enunciado, bem como a maneira pela qual essa voz se posiciona em relação a outras (explicitamente presentes no texto, por meio de menções e referências diretas, ou não), indicativas de outros sujeitos e grupos sociais – correspondentes.

Referencial Teórico

O *corpus* da pesquisa baseia-se na análise do livro-reportagem como gênero do discurso que Bahktin relata, como:

todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discursos orais (e escritos). Em termos práticos, nós os empregamos de forma segura e habilidosa, mas em termos teóricos podemos desconhecer inteiramente a sua existência (BAHKTIN, 2003 p. 282).

Para dialogar sobre o gênero, é necessário destacar o conceito proposto por LIMA (2009), que compreende o livro-reportagem como uma ampliação da notícia destacando minuciosamente os desdobramentos:

no sentido de aprofundamento da questão em foco, em busca de suas raízes, suas implicações, seus desdobramentos possíveis-, o livro- reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódica. (LIMA, 2009, p.26)

Neste sentido o livro-reportagem nessa pesquisa mensura-se não somente como veículo de comunicação - ao qual pode resultar da simples compilação de reportagens já publicadas (coletânea) ou do trabalho feito para livro - mas igualmente a tese do pesquisador Catalão Júnior (2010), como gênero do discurso que são tipos relativamente estáveis de enunciados, construídos por conteúdos temáticos, uma construção composicional e estilística. Assim, Catalão Júnior (2010) por meio da teoria de Bakhtin entende o livro-reportagem, como:

Um tipo relativamente estável de enunciado, elaborado em um campo específico da comunicação discursiva, o jornalístico; seus enunciados típicos são produzidos mediante trabalhos de reportagem e materializados e difundidos em livro; seu autor típico é um jornalista, cuja enunciação tem como destinatário um público leitor



potencialmente numeroso, difuso, heterogêneo e não-especializado (CATALÃO JUNIOR, 2010, p.08).

O livro-reportagem é um objeto ainda pouco abordado pelos pesquisadores e por ser um gênero no campo da comunicação discursiva abrange diferentes vertentes de narrativas. Segundo Lima (2004, p.23) a função do livro-reportagem é:

[...] informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro da contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo.

Na pesquisa proposta de vislumbrar como a Amazônia vem sendo caracterizada semioticamente, pretende-se abordar o livro-reportagem como gênero do discurso, a qual a teoria bakhtiniana pretensa pelo dialogismo, conceitua suas ações por meio das interações existentes entre o discurso e suas relações de sentidos via enunciados.

Nesse sentido, é necessário esclarecer um dos conceitos fundamentais da obra de Mikhail Bakhtin utilizado na pesquisa, a orientação dialógica, que se constitui como fenômeno natural. Assim, o pesquisador, fomentador de discurso nunca estará inventando do nada seu enunciado, sempre levará em conta o discurso de outro, para seu processo comunicacional.

Todo discurso passa por um discurso alheio, composto pelos enunciados. A essa relação de sentido obtido por dois enunciados constitui o dialogismo.

Representações da Amazônia em "Boi-Bumbá Evolução"

O autor e a natureza amazônica

Ao relatar sobre o Festival Folclórico de Parintins, mais precisamente sobre o confronto entre os bois-bumbás, Garantido e Caprichoso, o jornalista Allan Rodrigues em seu livro "Boi-Bumbá Evolução" - narra às histórias que vagam sobre a temática do folguedo junino mais importante do Norte do país. Apresentando como teia comunicacional, o livro-reportagem, o autor relata fatos relevantes da manifestação e posiciona o leitor com relação ao funcionamento da festa e a raiz de seus grupos folclóricos.

Em processo de descrição sobre os folguedos amazonenses, Rodrigues retrata a realidade das festividades amazônicas e suas particularidades mostrando ao leitor seu calendário repleto de comemorações.



Em meio há descrição das festividades do Amazonas, Rodrigues relembra sua infância em Coari e pontua como o primeiro contato com a figura do Boi Bumba e o festival folclórico.

Assim, após apresentar às festividades, o autor limita-se ao festival folclórico de Parintins, como objeto de uma narração minuciosa, por seus até então, trinta e oito anos ininterruptos de criação e pela representatividade cultural de que faz em todo o estado.

Nesse contexto, Allan Rodrigues ao descrever sua viagem a Parintins rumo à festa dos bois caracteriza a Amazônia, em aspectos vegetativos, hidrográficos e climáticos. Para fornecer elementos capazes de viabilizar o contexto em que a festa está inserida e como ponto forte para compreensão de sua importância atrelada aos impactos causados na vida dos parintinenses.

Comparando com as inferências de Neide Gondim (1994) sobre o dualismo inferno/paraíso, projetado nas obras teóricas e nas narrativas de viajantes, pode-se dizer que o autor, por se deparar cotidianamente com a realidade amazônica, um jornalista nascido em Coari, interior do Amazonas, em viagem a cidade de Parintins, não descreve a natureza amazônica como um paraíso perdido ou como um inferno verde. Rodrigues busca prender a atenção do leitor salientando a beleza amazônica e sua exuberância, "Mesmo visto de cima o rio-mar não perde o ar soberano e onipresente, fazendo com que os observadores entrem em uma espécie de transe hipnótico" (RODRIGUES, 2006 p.29). A contemplação da natureza pode ser percebida em outro trecho em que o autor narra sua inquietude sobre a vista aérea da paisagem do lugar, "estrategicamente posicionado, não resiste ao impulso e comecei também a observar o cenário majestoso que começava a se delinear entre as nuvens" (RODRIGUES, 2006, p.29).

A natureza e Boi-Bumbá

Na relação natureza e festival folclórico, Rodrigues retrata em seu livro que no processo da manifestação essas observações obtidas do cotidiano amazônico simples, por exemplo, no pescador em sua canoa ou da troca da mata por pastagem, vão se inserir da apresentação folclórica, como uma alegoria que concorre ao item "Figura típica regional" (RODRIGUES, 2006, p.30), ou por meio, de toadas e alegorias que procuram os apelos ecológicos pela preservação da floresta amazônica (RODRIGUES, 2006, p.153).

Ao apresentar o Festival Folclórico de Parintins, o autor esclarece a diferença entre o folguedo boi-bumbá e bumba-meu-boi salientando entre outras características a incorporação



da exuberância da floresta amazônica.

Assim, por meio de outros pesquisadores, o autor descreve que o processo evolutivo do boi-bumbá, perpassa pela inclusão de temáticas como a da natureza, e como essas incorporações vão reassumindo outros discursos a partir de determinados fatos e com o passar das épocas.

Nessa perspectiva, Rodrigues define a inclusão de outras temáticas como "Arautos da Amazônia" expondo à postura de clamor de proteção a natureza e o respeito aos povos indígenas encontrado no discurso dos bois na apresentação da festa.

Cada recôndito da Amazônia é um santuário natural que mantém a maior biodiversidade do planeta. A flora e a fauna são exuberantes, dando sustentação a outras vidas. Os rios deságuam sua generosidade fertilizando a vida na imensidão desse manto verde amazônico (ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI-BUMBÁ GARANTIDO, 2001 apud RODRIGUES, 2006, p.140).

O discurso da natureza é estabelecido também na forma de apelos ecológicos e pela preservação da floresta ao ponto de transformar o "auto do boi" em "auto da Amazônia" em uma só apresentação constituído na apresentação dos bois bumbás.

O autor fala sobre questão ambiental exposta na atualidade a partir de debates com organizações não-governamentais e o Greenpeace, surgidas a partir dos anos 80. Descreve que na época a sociedade era despertada para urgência de cuidar do Meio Ambiente, sob pena de perecer com os rios, lagos, oceanos e mares envenenados, ar poluído e um clima altamente hostil (RODRIGUES, 2006, p.154). E devido os diversos diálogos existente sobre a Amazônia teria acontecido à necessidade de agrupar essas novas temáticas a festa dos bois.

Allan Rodrigues expõe com essas mudanças, o discurso da natureza como processo evolutivo da festa, mostrando que faz parte do folclore tais incorporações, o folclore não é estático, mas essencialmente dinâmicos, pois, apesar de basear-se no passado está sempre se acomodando à mentalidade e as reivindicações presentes (MEGALE, 2001 apud RODRIGUES, 2006, p.139).

Á medida em que o festival, o boi-bumbá incluíram o discurso da preservação em suas apresentações foi necessário que os bois internalizarem esse sistema. Assim, Rodrigues relata que nos primeiros anos da festa existia a utilização de coros e penas silvestres, a qual havia um incentivo dos administradores das Associações Folclóricas para a caça de animais devido à utilização nas apresentações.

Nos anos 80, os dirigentes chegavam a fornecer cartuchos de espingardas para caçadores que os abasteciam com plumagens e couros (RODRIGUES, 2006, p.156).



Esse pressuposto de contradição e adequação ao discurso de defesa da vida, da Amazônia foi superado em meados dos anos 90, tendo assim a fase preservacionista dos bois. Allan Rodrigues relata essa fase como "exaltação das maravilhas da floresta" (RODRIGUES, 2006, p.157).

Com base nestas análises, ora apresentada, pode-se assegurar que Allan Rodrigues afirma a existência da harmonia entre a natureza e as questões urbanas.

Rodrigues apresenta uma Amazônia habitável, com riquezas naturais, que perpassam por movimentos folclóricos que a utilização como forte discurso cultural. O jornalista destaca a natureza como exuberante, bela e singela. Um santuário natural que vem sendo observada pelos turistas que visitam o festival folclórico de Parintins.

Descrevendo uma natureza amazônica atrativa ao visitante, com diversidades de encantos que vão além do festival folclórico. Há um prazer de estar em viagem a Parintins, sem desconforto com o clima, com a fauna ou flora, um lugar agradável, demonstrando um ambiente que consta algumas características dos grandes centros como: aeronaves, iates, carros, motos, avenidas, trânsito, show nas praças, lanches, restaurantes, mas que promove contemplação de belezas naturais tanto em passeios pela ilha como, por meio da apresentação do boi-bumbá, poder parar na orla e observar rio, belas paisagens, sentir ar puro, aroma de relva, considerado assim, o cenário da natureza parintinense como majestoso.

O Amazônida e a Natureza Amazônica

Ao descrever sobre a viagem rumo ao Festival Folclórico de Parintins e o seu processo de evolução, Allan Rodrigues relata sobre a sua posição com relação à natureza amazônica, como também mostra a relação com personagens sociais que habitam a região do baixo Amazonas.

Consequentemente, o discurso estabelecido por Rodrigues obteve matriz evolutiva por meios do envolvimento dos segmentos populares de Parintins, as vozes de moradores, brincantes da época inicial da brincadeira folclórica, dos artistas das agremiações de boi-bumbá em discursos marcados, as quais enaltecem a visão do indivíduo na relação do homem com a Amazônia que colaboram para um panorama das atividades estabelecidas por esse cotidiano simplório e concomitantemente com urbano já comentado anteriormente.

Trata-se de descrever o homem amazônida em duas circunstâncias. O amazônida que está em consonância com elementos da natureza e o homem amazônida criativo capaz de



catalisar várias manifestações e a materializar em um festival folclórico.

O primeiro está em harmonia com a natureza. Nessa circunstância, o autor ao comentar sobre a observação feita em seu vôo discorre sobre uma paisagem sublime e deslumbrante.

Era uma canoa conduzida por um ribeirinho, que, no movimento de suas remadas, provocava rápidos lampejos ao refletir os raios solares do remo. Apesar da distância e da velocidade da aeronave, pude discernir o chapéu de palha na cabeça do canoeiro e um volume no porão da canoa que parecia malhadeiras ou tarefas. (Rodrigues 2006, p.30)

Ao retratar o homem bucólico, Rodrigues descreve cenas do cotidiano do pescador, o caráter religioso do homem amazônida cuja comunidade se reúne para renovar a fé pela devoção, ou simplesmente arrematar as famosas "grandes e gordas" galinhas assadas, leiloadas exaustivamente nas quermesses (Rodrigues 2006, p.23) e o seu desprendimento com as agitações estabelecidas nos grandes centros, "sem cinemas, boates, e outras opções de lazer comuns na 'cidade grande' para os jovens, a época das quermesses e arraiais significava período de muita agitação cultural" (Rodrigues 2006, p.20).

O autor constrói a princípio um cenário cultural simples do homem que habita a Amazônia.

os cenários sempre incluíam céus estrelados e praças enfeitadas com bandeirinhas coloridas, fogueiras e balões. Os aromas e os saberes das noitadas vinham das comidas típicas como mugunzá, tacacá, bolo de macaxeira, pé-de-moleque e muitos outros quitutes (RODRIGUES 2006, p.20).

À medida que o autor vai deixando de explicitar todos os folguedos amazonenses e se concentra em falar sobre a evolução do folguedo boi-bumbá de Parintins, a personalidade dos atores sociais que habitam a Amazônia transforma-se em retratistas do imaginário Amazônico que utilizam o bucolismo e sua simplicidade para criar e inventar formas para chamar atenção da temática de conversação cultural dos povos Amazônicos.

Rodrigues, ao descrever a imagem do pescador em sua canoa, termina seu deslumbre dizendo tal imagem voltaria a sua mente dias depois, durante as apresentações dos bumbás, quando uma alegoria que concorria ao item 'Figura Típica Regional' retratou a vida dos pescadores parintinenses (Rodrigues 2006, p.30).

Tal convenção daquilo que é vivido e o imaginário também são repassados pela forma artística, o autor expõe a história de Jair Mendes que ao aprender técnica de artes plástica surpreende a apresentação dos bois bumbas ao inserir alegoria ao festival.

Ainda pequena com dois metros de altura, perto de quatro metros quadrados e



apoiada em rodinhas para facilitar o descolamento, alegoria trazia a paisagem amazônica da margem de um rio, onde estava sentada a filha do artista Jair Mendes, fantasiada de Yara, Mãe d'água. (Rodrigues 2006, p.119).

Ao relatar sobre as características dos habitantes de Parintins, Allan Rodrigues demonstra a característica de produção artística, ao qual se inspira no ambiente a sua volta e a materializa em produto, naquele momento, em meio a 15 mil espectadores alucinados, encontrei a minha opinião sobre a razão de ser da festa: exaltar a Amazônia e o homem que nela vive (Rodrigues 2006, p.30).

Ao expor o gênio criativo de Jair Mendes, o autor situa o atributo de inovação da técnica utilizada para concepção da alegoria feita pelo artista.

Apenas para citar algumas de suas realizações, ele deu movimentos às armações feitas com talas, espumas e cetim dos bumbás, descobriu formas de aproveitar materiais regionais e dar-lhes brilho na arena e desenvolveu a técnica de articular as alegorias usando cabos de aços e roldanas no interior das estruturas (Rodrigues 2006, p.119).

Outra forte interferência no homem parintinense. E a presença dos japoneses que em 1927 iniciaram a instalação de um instituto agrícola, para produção de juta que se transformou por longos anos como economia forte em Parintins. O autor descreve que dessa época até atualidade,

os japoneses deixaram sinais indelévels na sociedade parintinense. Pelas ruas da cidade, a contribuição nipônica está viva nos rostos com olhos puxados, pele branca e cabelos negros de seus descendentes, provas incontestes do pioneirismo dos antepassados (Rodrigues 2006, p.44).

Mas, o autor ressalta que para folguedo de boi-bumbá, foi influenciado pelos nordestinos, "a brincadeira boi-bumbá chegou ao Amazonas na bagagem dos migrantes nordestinos, que vieram para Amazônia no apogeu da economia da borracha" (Rodrigues 2006, p.55).

Ao expor as inúmeras influências do homem amazônida, Rodrigues relata traçado estético do homem parintinense, ao narrar sobre o taxista levou ao destino de sua hospedagem "pedi ao simpático senhor, de pele morena, estatura mediana e aparentando ter seus quarenta e cinco anos, que fosse em direção ao Macurany" (Rodrigues 2006, p.36).

Rodrigues ao inserir na descrição a característica conversadora de alguns moradores de Parintins faz ligação estreita com a religiosidade: "A grandiosidade da catedral revela a religiosidade como um traço marcante entre os parintinenses, cuja maioria segue a religião



católica" (Rodrigues 2006, p.47). "A religiosidade dos interioranos também corrobora no estranhamento em relação ao pouco pudor dos visitantes" (Rodrigues 2006, p.46).

A característica de pessoas simpáticas vai sendo acentuada pelo autor ao descrever o casal que lhe dá hospedagem na época da festa em Parintins, "o casal representava a típica família parintinense. Ele de tez morena, conversador e com um senso de humor apurado, e ela de branca, de baixa estatura e com comportamento mais reservado" (Rodrigues 2006, p.51), tornando o parintinense é um povo hospitaleiro.

4. Relações Humanas e sociais na Amazônia

No tratar das relações de poder, economia, cultura, a qual o autor depara ao narrar sua viagem, impressões com relação a Parintins e seu festival folclórico, existe um contraste entre um homem mais urbano em suas relações sociais e há ligação forte com povos tradicionais; como os ribeirinhos.

O repórter narra detalhes de sua chegada à cidade e desenvolve um diálogo marcado por uma visão comparativa com outras cidades já percorridas no Amazonas. Em seus relatos a principal característica de Parintins é a rivalidade.

Allan descreve que ao chegar ao município depara com o carro do corpo de bombeiro pintado de amarelo queimado, e ao perguntar do porquê dessa contradição aos padrões internacionais, detalha o quão grandiosa é a disputa dos bois para população.

A mensagem transmitida pela placa e pelo carro do Corpo de Bombeiro ficou clara na minha mente. Ao desembarcar em Parintins passamos por uma sinalização indicando dois caminhos possíveis, ou seja, é preciso definir para qual bumbá o coração bate mais forte. A viatura dos bombeiros era uma demonstração cabal, para aqueles que ignorarem a placa, de até aonde pode se estender a rivalidade das agremiações e quanto o fanatismo pode afetar algumas pessoas (Rodrigues, 2006, p.33).

A rivalidade interpretada por Rodrigues denota em uma cidade dividida por duas cores, duas paixões, "dois caminhos", referente ao boi bumbá, a qual influencia no cotidiano das pessoas.

O jornalista expõe que no começo da rivalidade havia encontros de desafios lançados pelos amos dos bois, ou seja, trovadores entoando versos em tom de rivalidade. Após essa fase existia intimidação das torcidas que evoluía para impasse e logo brigas. Mas, essa violência foi sanada ao decorrer da festa, ao ponto de que na década de 80, a comissão julgadora propôs a inclusão de um item moralizador no regulamento, que consistia em "penalizar



com perdas de pontos a torcida, ou galera, que se manifestassem durante a apresentação da agremiação contrária" (Rodrigues, 2006, p.112).

O repórter relata que essa rivalidade abrange vários estados da sociedade local ao ponto de instaurar certas peculiaridades.

Em relação aos poderes constituídos, é praxe entre prefeitos, governadores e até presidentes da República não declarar publicamente suas preferências, sob pena de desgaste nas próximas eleições. O que o poder público concede a um bumbá deve ser rigorosamente concedido também ao outro; a quebra desta equidade pode acarretar na ira dos dirigentes e, conseqüentemente, dos torcedores (RODRIGUES, 2006, p.113).

Rodrigues expõe que esse traço típico dos políticos de não declarar sua preferência por um boi bumbá, muda quando há ocorrência das eleições para prefeito do município, "é comum, também, as chapas apresentadas para concorrer à prefeitura de Parintins serem formadas com a preocupação de terem torcedores dos dois bumbás, ou seja, um prefeito do Garantido e um vice do Caprichoso e vice-versa" (Rodrigues, 2006, p.113).

Allan Rodrigues relata o fato da cobertura jornalísticas do evento também ser enquadrada no ritmo da competição dos bois, devido o sigilo mantido sobre o que cada agremiação prepara para as noites de apresentação, ao ponto de:

nem a imprensa pode transitar livremente entre essas duas paixões. As equipes de coberturas designadas pelas redações para cobrir a pré-temporada em três dias de festival são montadas de forma que os repórteres, salvo raras exceções, cubram exclusivamente um, dos bois, para evitar desentendimento com os dirigentes. (RODRIGUES, 2006, p.113).

A rivalidade permeia todas as relações existentes entre os bumbás com a mídia, patrocinadores, poder público e outros. Mas, Rodrigues ressalva que o tempo dos quebra-quebras e agressões ficou para trás. Entretanto, essa harmonia só é quebrada no momento da disputa na arena do bumbódromo, cada qual no seu tempo de apresentação.

A forma de poder atrelada no livro por Rodrigues é obtida pelos políticos, como sendo, o maior cargo representativo do povo. Essa afirmação perpetua pelas passagens existentes sobre a festa, as mudanças ocorridas por meio de decretos, participação das esferas executivas e legislativas na organização e execução do festival.

O rádio estava tatuado como hábito na vida do amazônida. Era para o autor impossível viver no interior do Amazonas, em especial Parintins, sem o rádio. Por meio dele que se recebia e repassava informações. Televisão e nem mesmo a internet tinha vez quando o assunto era o Rádio, devido seu alto alcance as comunidades mais longínquas. Demonstrando



assim, que as relações de interação geralmente podem ser feitas pelas informações detidas através do rádio, inserindo num contexto de costume dos habitantes da cidade e ganhando ar de importância entre o povo.

A transmissão de informação por meio de ondas eletromagnéticas se destacou ao longo dos anos como um importante instrumento de integração entre as comunidades ribeirinhas, onde pessoas vivem praticamente fora do alcance do Estado (RODRIGUES 2006, p. 39).

Ao expor as inúmeras influências do homem Amazônida, Rodrigues relata traçado estético do homem parintinense, ao narrar sobre o taxista levou ao destino de sua hospedagem "pedi ao simpático senhor, de pele morena, estatura mediana e aparentando ter seus quarenta e cinco anos, que fosse em direção ao Macurany" (Rodrigues 2006, p.36).

A característica de pessoas simpáticas vai sendo acentuada pelo autor ao descrever o casal que lhe dá hospedagem na época da festa em Parintins, "o casal representava a típica família parintinense. Ele de tez morena, conversador e com um senso de humor apurado, e ela de branca, de baixa estatura e com comportamento mais reservado" (Rodrigues 2006, p.51).

Rodrigues ao inserir na descrição a característica conversadora/tradicionalista de alguns moradores de Parintins faz ligação estreita com a religiosidade, "a grandiosidade da catedral revela a religiosidade como um traço marcante entre os parintinenses, cuja maioria segue a religião católica" (Rodrigues 2006, p.47). "A religiosidade dos interioranos também corrobora no estranhamento em relação ao pouco pudor dos visitantes" (Rodrigues 2006, p.46).

Com relação essa interação nativo e visitante, Rodrigues narra o estranhamento dos parintinenses com relação aos padrões morais dos visitantes. Nesse sentido visualmente, os trajes chamavam atenção. "Os trajes usados pelos turistas chegam a causar reações negativas em alguns moradores, que se sentem pouco à vontade com tamanha liberalidade no vestir". (Rodrigues 2006, p. 46)

5. As relações entre a Amazônia e o Brasil

O "descobrimento da ilha" é assim, que jornalista Allan Rodrigues termina seus relatos sobre sua jornada de viagem a Parintins. No livro-reportagem, o repórter apresenta gêneses e enunciados que contam as peculiaridades de uma sociedade situada no baixo



Amazonas, responsável pelo festival folclórico que se tornou "vitrine" do Estado. Essa constante enunciação perpassa por um viés midiático, por festas populares, por sociedades tradicionais amazônicas como: caboclo, índio, ribeirinho e, expõe há dos artistas de alegoria, dirigente das agremiações folclóricas, compositores de toadas, e demais integrantes cujo envolvimento está diretamente ligado ao boi-bumbá.

O Boi-Bumbá de Parintins atinge milhares de turistas e espectadores por meio da mídia e seus recursos técnicos de veiculação e conhecimento. Visitantes de todas as partes do mundo desembarcam no aeroporto Júlio Belém e no porto fluvial em busca de diversão, identidade cultural, do exótico, do ritmo, das cores, da dança e dos encantos de Parintins e dos bumbás Garantido e Caprichoso (Rodrigues, 2006, p.79).

O autor constrói a imagem de Arautos da Amazônia perante a apresentação dos bois-bumbá, a tragicomédia encenada por dois negros, pai Francisco e mãe Catirina, foi perdendo espaço para encenações tribais e lendas indígenas, apelos pela preservação da floresta amazônica e recriações do cotidiano do homem amazônico (Rodrigues, 2006, p.139).

Diante do acúmulo de significados atrativos o grande público, o autor relata que em função do crescimento, as mídias local e nacional voltaram os olhos para a festa, dedicando várias reportagens sobre o assunto, chegando, inclusive, a comprar os direitos de transmissão das disputas de arena em 1995 (RODRIGUES, 2006, p.79).

O discurso de Parintins para o mundo ver, foi sendo massificada pelos veículos de comunicação, trazendo inúmeros auxílios à região, ao ponto de Parintins obter uma atenção diferenciada das demais cidades do interior do Amazonas pela sua forte economia ligada aos visitantes que procuram participar do festival.

O turismo molda a cidade. Allan Rodrigues ao relatar sobre a visão posta pelo taxista, seu "primeiro guia em Parintins", aponta a assimilação do nativo com relação a festa, "- Parente, aqui a gente vive de duas coisas: boi de pano e boi de carne. Quando não tem festival é o gado que movimenta o dinheiro aqui. - respondeu meu condutor, como se me conhecesse há muito tempo" (RODRIGUES, 2006, p.36). O boi de carne referindo-se à produção agropecuária e o boi de pano que significa os bois-bumbás que aquece a economia local.

Diante disso, a imagem de uma terra onde o visitante encontrará os anseios de uma vida tranquila, com festas de arraiais, florestas e rios bem convidativos aos olhares, também dispõe de atrativos urbanos, como aeroporto, táxi, muitas motos, edifícios grandes (bumbódromo), e a criação do segundo maior festival folclórico do mundo vai sendo consolidada durante toda enunciação do autor.



Essa urbanização apontada como diferencial pelo autor assume um ar de espanto, diante dos demais municípios do Amazonas e pelas pessoas da região, como é caso de Allan. O autor adquire um discurso de desenvolvimento, a partir da inserção dos políticos, poder público e empresas privadas no festival. Esse aparente desenvolvimento, nos enunciados do autor é possível devido à visibilidade folclórica que os bois detêm. Há esse processo de festas populares e distanciamento, Nogueira (2008) ressalta que as festas populares foram classificadas segundo uma categorização de distanciamento, em processo de integração, e integradas aos momentos de desenvolvimento do capitalismo nos espaços interioranos.

Assim, a Amazônia de Allan Rodrigues é estabelecida a partir de festas populares, por pessoas que convivem em um ambiente amazônico mais urbano, distante dos grandes centros mais produtores de fazeres e saberes formulados típicos. Estabelecidos por moradores que utilizam seu imaginário para construir alegorias, figurino, coreografias, músicas (todas), para contar o seu cotidiano e suas particularidades.

Considerações Finais

Ao final das etapas estabelecidas pelos objetivos, a pesquisa pôde compreender os discursos constituídos por Allan Rodrigues sobre Amazônia, através da vertente cultural atrelada ao folguedo boi-bumbá apresentada pela história e evolução do festival folclórico de Parintins.

Por meio dos enunciados, o autor assume posições particulares e caracteriza a região Amazônica como um atrativo turístico cultural. Rodrigues separa seu livro em dois momentos: relatos de sua pesquisa sobre boi-bumbá, a qual descreve a história de Parintins, do festival folclórico dos bois, fundação, mudanças e ascensão da festa e sua viagem propriamente feita para o município e suas primeiras impressões.

Nesse sentido, a Amazônia reportada por Allan Rodrigues está no foco midiático, no calendário turístico, no tratado popular, uma Amazônia habitável em que os atores sociais revelam suas tramas, Amazônia dá biopirataria, dos folguedos culturais, do cotidiano urbano, faz festividades como mercadoria, a qual as vozes se unem para fortificar um folguedo, permitir interpretações e alcançar a meta de voz e de preservação do cotidiano Amazônico, que não esquece as bem-aventuras do espetáculo.

Assim sendo, a ideia do dialogismo em toda a pesquisa foi de crucial importância para permitir à análise do discurso por meio da proposta bakhtiana, as interações entre enunciados,



vozes, do autor e com o grupo habitante da localidade de forma marcada ou não, resultaram em um entendimento dialógico sobre a Amazônia e sua caracterização na área do baixo amazonas por meio do olhar do repórter Allan Rodrigues.

Referencias

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes. 2003.

____ (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

CATALÃO JR, Antonio H. **Jornalismo *best-seller*: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara: UNESP, 2010.

DUTRA, Manuel S. **A Natureza da TV: uma leitura dos discursos da mídia sobre a Amazônia, biodiversidade, povos da floresta**. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (UFPA), 2005.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo, Marco Zero.1994.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

____ **Páginas ampliadas - o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Manole, 2004.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas Amazônicas-Boi-bumbá, Ciranda e Sairé**. Manaus: Editora Valer, 2008.

RODRIGUES, Allan. **Boi-bumbá: evolução - livro-reportagem sobre o Festival Folclórico de Parintins**. Manaus: Valer, 2006.